



**Brasil S/A**  
por Antonio Machado

machado@cidadebiz.com.br

## Sequelas da farra

Jair Bolsonaro estourou o orçamento, com a conivência da turma do centrão no Congresso e o silêncio tácito dos vigilantes do mercado financeiro, para continuar com fôlego na corrida eleitoral, mas é Lula, que reabriu esta semana a temporada dos grandes comícios, numa praça em Belo Horizonte, que se mantém à frente, e com folga.

Até 2 de outubro os dois vão chamar a atenção até de quem testa política com acusações mútuas no horário eleitoral, de modo que é tempo de deixar a campanha para lá e falar da situação da economia e do que é possível fazer para desatolar o país da estagnação.

Os números de crescimento econômico, de recuperação do emprego e do refluxo da inflação são enganadores, ao sugerir uma situação que não corresponde à tendência de longo prazo. Ela é de regressão para a indústria de manufaturas, promissora para o agronegócio e a mineração e artificial para os agregados que formam a chamada macroeconomia, especialmente a situação das contas fiscais.

Fosse como diz o ministro da Economia, Paulo Guedes, parecendo um vendedor de carro usado e malhado, e os presidentes Bolsonaro e o da Câmara, Arthur Lira, não teriam iniciado o ano dando beijo no pagamento de dívidas federais vencidas e transitadas em julgado, vulgo precatórios, a pretexto de arrumar fundos para rebatizar de Auxílio Brasil o Bolsa Família, com bônus de R\$ 400 por mês.

Como não bastou para tirar Lula do topo das pesquisas, a dupla, com o apoio do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, fez mais do que acusaram Dilma Rousseff de ter feito, justificando com isso o seu impeachment (o que as evidências estão a indicar tinham, na verdade, o fim de inabilitar Lula da eleição de 2018 e lançar as âncoras do Estado mínimo, privatizar a preço depreciado o que resta de estatais e exaurir as políticas sociais e os programas de apoio à indústria e à pesquisa e desenvolvimento de tecnologias).

Foi golpeando a Constituição, a lei de responsabilidade fiscal, o teto de gastos orçamentários que arrumaram o caixa para dar R\$ 200 a mais entre agosto e dezembro aos assistidos do Auxílio Brasil. E o fizeram contando com o silêncio cúmplice dos auditores durões do FMI, dos analistas de agências de risco soberano, dos economistas de sempre ouvidos pela imprensa, de empresários que pediram a Dilma benesses como a baixa forçada da eletricidade e depois a rifaram.

### A nova política do centrão

Não se trata de repisar o passado recente com fins eleitorais, até porque não há como o PT esconder o desgoverno a seu tempo, gerando os desvios na Petrobras pelos apaniguados dos partidos que estão na base de apoio de Bolsonaro e comandam o Congresso.

A Lava Jato destacou o PT, mas foram quadros do PL de Bolsonaro e do PP de Lira, Ciro Nogueira e Ricardo Barros, líder do governo na Câmara, os que mais devolveram os dinheiros desviados da Petrobras.

Hoje acontece o quê? A mesma coisa, pelos mesmos partidos, mas com nova metodologia. O orçamento secreto envolve nacos de verba fiscal entregues a deputados e senadores em troca de lealdade a Bolsonaro e aos caciques do centrão sem que se saiba o nome de quem empenhou os recursos e sem inspeção dos projetos dos políticos em suas zonas eleitorais. Será secreto até quando vir a público a investigação do Tribunal de Contas da União. É esperar.

Se a burocracia do Tesouro Nacional de Dilma fez o que entrou para os anais da política como "pedaladas fiscais", para cobrir rombos da lei orçamentária, a equipe "ultraliberal" de Bolsonaro violentou a autonomia federativa, emendando a Constituição.

Ela desviou recursos do ICMS dos estados e municípios vinculados à saúde, educação e segurança pública para cortar o preço do diesel, da gasolina e da luz. E, sim, para ninguém tascar o dinheiro do tal orçamento secreto – R\$ 16,5 bilhões este ano, R\$ 19,5 bilhões para 2023, conforme a Lei de Diretrizes Orçamentárias já sancionada por Bolsonaro. Não se fala de um troco, fala-se de dinheiro grosso.

### A destruição aplaudida

O passivo dos precatórios empurrados para frente está projetado em R\$ 200 bilhões em 2023. A receita do ICMS desviada para desinflar o preço dos combustíveis foi estimada pelo Conselho de Secretários de Fazenda dos estados, o Confaz, em R\$ 80 bilhões.

Esse ônus será compensado de um jeito ou de outro, já que envolve o custeio de programas demandados pela sociedade, como a saúde e a educação, que são uma obrigação dos estados e municípios, além das polícias. Já se projeta uma enorme pressão sobre o novo Congresso.

A política econômica atual, que seria elogiada no mundo, segundo o ministro da Casa Civil, levando bolsonaristas a impulsionar Paulo Guedes nas redes sociais como candidato ao Nobel de Economia, não chegará ao próximo carnaval sem uma profunda mudança de rumo.

Será assim, mesmo que Bolsonaro se reeleja, e o tema já é objeto de estudos pelos seus quadros lúcidos. Guedes se orgulha de ser o primeiro governo em décadas a terminar sem ter aumentado a despesa pública total como proporção do PIB. Esse é só um lado da história.

O resultado se deve ao congelamento dos salários do funcionalismo federal, e há categorias sem reajuste desde 2017. Também não foram ocupadas as vagas devido às aposentadorias. Os "ancaps", de anarco capitalistas, aplaudem, enquanto o meio ambiente é degradado pelo desmonte do Ibama e da Funai, bolsas de extensão universitária não têm reajuste desde o governo Dilma, projetos científicos carecem de orçamento, pesquisa militar não tem continuidade. É o país no ralo.

### Sugar daddies de radicais

Como se achassem que os tempos do fundamentalismo de mercado estão com os dias contados, ganhe quem for a corrida presidencial, porta-vozes da ideologia neoliberal começam a se manifestar para alertar sobre os supostos riscos da volta do planejamento na estrutura do governo e de políticas ativas para impulsionar o crescimento.

Eles sugerem preocupação com as políticas de Estado, mas, de fato, movem-se pelos interesses da gestão de papéis de dívida e do fluxo dos capitais ociosos. Fazem uma falsa relação de causa e efeito do encolhimento do BNDES vis-à-vis a expansão do mercado de emissões privadas. Essa discussão é ideológica e política.

Não a política golpista de empresários flagrados pela PF num grupo de WhatsApp, e expostos pelo jornal Metrôpoles, defendendo golpe militar contra a eleição de Lula. Esses 'sugar daddies' de radicais são a indigência intelectual de uma minoria do empresariado, mas eles só interessam à polícia e à Justiça.

A política que importa é a que obsta o progresso desde a década de 1980 e nunca mais se ousou discutir. O Brasil não é para quem pensa miúdo. É para estadistas e visionários. Na política e na economia.

Especialistas apontam falta de fontes para cobrir gastos nas propostas de candidatos

# Planos incompletos

» ROSANA HESSEL

As propostas econômicas dos candidatos à Presidência ainda são muito superficiais, de acordo com analistas que reconhecem a necessidade do combate à pobreza, mas com responsabilidade fiscal. Eles alertam para a falta de fontes de recursos para os gastos que são previstos nos planos.

Nesse sentido, o programa do presidente Jair Bolsonaro (PL) preocupa bastante, porque, segundo eles, o ministro da Economia, Paulo Guedes, perdeu a credibilidade de ser um freio aos anseios populistas do chefe do Executivo. Bolsonaro já prometeu

até manter os tributos federais sobre combustíveis zerados em 2023, outra medida que deve piorar ainda mais o quadro fiscal. "A proposta de Bolsonaro continua irrealista e foge das questões básicas do que fazer com o fiscal", avalia Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados. Para ele, o programa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) também vai no caminho, não deixa claro as fontes de recursos do novo Bolsa Família.

"O programa do presidente Bolsonaro tem incoerências e a conta não fecha. Por um lado,

sugere mais gastos que podem se tornar permanentes, sem explicar como resolver esse problema. Por outro lado, Guedes tem defendido a taxação de dividendos para cobrir o novo valor do auxílio. Mas isso não deixa de ser contraditório, porque o presidente já está gastando por conta", pontua André Perfeito, economista-chefe da Necton Investimentos.

O economista Simão Davi Silber, professor da Universidade de São Paulo (USP), reforçou o alerta para 2023. "Vai ser muito difícil fechar as contas no ano

que vem. Tem muita demanda de gastos represada e a economia não vai crescer e isso não vai ajudar a arrecadação", explica. Segundo ele, quem vencer a eleição terá que contingenciar despesa no início do mandato. Para Benito Salomão, economista-chefe da Gladius Research, a proposta econômica de Bolsonaro não está clara. "Guedes tem muito pouca força para frear o ímpeto populista do presidente", frisa o analista. Ele defende um arcabouço fiscal reformulando o teto de gastos, com gatilhos para momentos de crise. "O governo acabou com o teto de gastos, da forma como conhecíamos, desde a PEC dos Precatórios."



**AQUI, TAMANHO É DOCUMENTO**

**MAIOR 2 QTOS DO NOROESTE, COM 84 M² E ATÉ 2 VAGAS DE GARAGEM**



ENTREGA JUN/23	QUALIDADE	DECORAÇÃO	ARQUITETURA
VISITE O APTº DECORADO	Lazer completo Elevador até a cobertura	Cybele Barbosa Arquitetura	MKZ Arquitetura

**Paulo Octavio**®

3326.2222

www.paulooctavio.com.br

VISITE NOSSAS CENTRAIS DE VENDAS

**208/209 NORTE**  
(Eixinho, ao lado do McDonald's)

**NOROESTE**  
(CLNW 2/3)

**GUARÁ II**  
(QI 33 Lote 2)



SAIBA MAIS

ABN